

# VAMOS TENTAR?

Ilan Brenman

## Resenha

Neste livro reflexivo, Ilan Brenman brinda o leitor com palavras que convidam a pensar como, em um mundo em que se precisa lidar com tantos elementos imponderáveis, aprender a desenvolver a capacidade de escutar os outros seres e conversar com eles pode ser o mais importante.

Ilan nos convida a falar menos e a escutar mais, a discutir menos e a abraçar mais. Fazendo isso, talvez seja possível cuidar melhor das nossas amizades e remoer menos as nossas mágoas: pode-se vislumbrar um horizonte aberto, em vez de olhar tanto para baixo. Talvez mais pontes surjam se destruirmos menos caminhos; vale a pena reclamar menos e agir mais. Importante compreender nossos pais e avós, sem julgá-los e, ao mesmo tempo, sem repetir seus erros. Quando nos comunicamos menos com telas e mais com pessoas reais, descobrimos como participar da vida, e não apenas observá-a. Pode-se tentar valorizar quem nos



© Giulia Pintus



Coordenação:  
Maria José Nóbrega



quer bem, sem se importar tanto com quem não se importa conosco – sem precisar impor aos outros as nossas vontades. Se tentarmos tudo isso, e descobrirmos como agradecer mais e pedir menos, pode ser que aos poucos nos tornemos capazes de imaginar aquilo que até pouco tempo era inacreditável, e trabalhar para que coisas improváveis aconteçam.

A palavra “tentar”, que aparece no título, é essencial. E, em um momento tão imprevisível e dramático como o que estamos vivendo, é muito importante sermos capazes de testar e experimentar outras formas de agir. Neste livro, as delicadas ilustrações de Giulia Pintus acentuam a dimensão ética e relacional do texto. Encontramos personagens anônimos de tipos físicos muito diferentes, em cenários que sugerem que talvez as pessoas possam estar em países muito diferentes um do outro – ou em um país diverso como o Brasil, um país em que diferentes universos convivem lado a lado. Giulia, por vezes, brinca com a proporção dos personagens e objetos que aparecem em suas ilustrações, evocando dinâmicas afetivas, para além de qualquer realismo ou verossimilhança. Na última frase, o título se transforma: tentar converte-se em tentar junto.



## Depoimento

De Micael Bretas,  
Escritor, radialista e pai

Ver uma criança crescendo é ver uma criança tentando. Eles tentam sentar, tentam ficar em pé, tentam andar, tentam falar... E passam uns bons anos tentando, acostumados ao tentar, quase indiferentes ao que já conseguiram. Afinal, tentar ser é o trabalho de uma vida inteira.

Para o pai, a sensação é parecida. Tentamos fazer coisas com eles. Tentamos que curtam um parquinho, tentamos que comam, tentamos que aprendam a gostar de livros. A gente tem uma ideia, faz um plano, pensa que a criança vai adorar, mas ela se encanta com o besouro que entra pela janela. E nada mais importa. Tudo o que tínhamos planejado já era. Então, o máximo que dá é tentar mesmo.

Meu filho tem quatro anos, e quando eu o chamo para ler um livro, pode ser que ele não se interesse, pode ser que ele queira virar o livro de cabeça para baixo, pode ser que ele encasque com algo irrelevante para a história, como o traço em espiral de um matinho em particular, de uma ilustração em particular. Pode ser que o mais interessante seja



a foto do autor no final da obra ou da ilustradora. E pode ser que ele se envolva, pode ser que o universo conspire e, desta vez, não entre nenhum be- souro no quarto.

Não foi difícil tentar com o *Vamos tentar?*, de Ilan Brenman e ilustrações de Giulia Pintus. Meu filho ficou especialmente interessado nos desenhos e se permitiu contemplar os vários detalhes das enormes ilustrações. As frases curtas chama-ram a atenção. “Por que não tem mais?”, quis saber, tentando entender quanto de texto deveria existir em um livro. Eu tentei explicar: “É para a gente pen- sar e curtir os desenhos”.

O livro é um eterno convite, uma repetição de sugestões; coisas que podíamos tentar. E é algo poderoso isso de tentar. A tentativa é como uma chave, pequena, mas que abre uma porta. E atrás da porta, pode ter qualquer coisa, pode estar o infinito. E se a gente falasse menos e ouvisse mais? E se a gente tentasse se conectar menos com as telas e mais com as pessoas reais? E se a gente tentasse agradecer mais e pedir menos? As consequências são grandes, mas a sugestão é singela.

O texto faz o convite, abre a porta da possibi- lidade. É um pensamento aberto, que pede que o leitor imagine, participe, considere. E a ilustração ampara, conforta. Enquanto pensamos em tentar, olhamos para aquelas crianças delicadas, aquelas pessoas em estado de contemplação. Elas tam- bém estão tentando.

O desenho de um menino com uma barriga de gaiola mexeu com meu filho. A sugestão é preser- var mais as amizades e menos as mágoas. Meu pequeno parou ali, tentando tirar sentido. Palavras como “preservar” e “mágoas” ainda não são tão familiares para ele. Mas elas estavam bem ampa- radas, a frase era simples, e a ilustração ajudava a compor. A gaiola na barriga do menino está aberta, um signo inconfundível de liberdade. E meu filho, tentando entender, percebeu que há algo de livre em deixar as mágoas para trás.

Ser pai é um eterno tentar. O que sei é que ali, naquele momento, estávamos juntos, tentando juntos. Eu tentando criá-lo e ele tentando ser.

O que não podemos, e não vamos, é parar de tentar.



## Um pouco sobre o autor

**Ilan Brenman** tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Editora Moderna, 2023), seu best-seller. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Em 2023, Ilan foi duplamente finalista do prêmio Jabuti na categoria livro infantil, um feito inédito, com as obras *A espera* e *Desligue e abra*. No ano seguinte, conquistou o prêmio Jabuti 2024 com o livro *Cabo de guerra*, em parceria com Guilherme Karsten. Para saber mais sobre o autor, acesse: [www.ilan.com.br](http://www.ilan.com.br).



## Leia mais...

### Do mesmo autor

- ✖ *A bolsa*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *A tiara da Clara*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Cabo de guerra*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Hora do almoço*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Mãe alto-falante*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Mãenhê!* São Paulo: Moderna.
- ✖ *O que cabe num livro?* São Paulo: Moderna.

### Do mesmo gênero ou assunto

- ✖ *Dobras*, de Andrés Sandoval. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✖ *A carta de Hugo*, de Tom Percival. São Paulo: Salamandra.
- ✖ *Hugo, a máquina de abraçar*, de Scott Campbell. São Paulo: Salamandra.
- ✖ *O sapo bocarrão*, de Keith Faulkner. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✖ *A casa dos beijinhos*, de Claudia Bielinsky. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

